

UMA ESTRUTURA DE VERDADE NO VIRTUAL E NA FANTASIA: A TÉCNOLOGIA COMO RESULTADO

Ariana Villela Espezim(UFSC) arianavillela@yahoo.com.br

Carlos Augusto M. REMOR(UFSC) cremor@mbx.ufsc.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é caracterizar o conceito de virtual segundo Pierre Lévy e estabelecer um ponto de similaridade deste conceito com o conceito de fantasia formulado por Freud. Trata-se de entender a virtualização e a fantasia como um campo de articulação de verdade. Do lado do virtual, a verdade que tal noção permite articular aponta para a determinação da tecnologia pela virtualidade da qual esta última seria a atualização. Do lado da fantasia, a verdade que tal noção permite articular aponta para a determinação do ato singular, subjetivo, por parte da estrutura sintomática da qual este último seria a atualização. Mostrar a estrutura comum ao virtual e à fantasia permite-nos, assim, esclarecer de que maneira a tecnologia não é mero mecanismo.

Palavras-chave: tecnologia, virtual, fantasia, verdade.

1. INTRODUÇÃO

Com a evolução da internet e com as facilidades oferecidas pelas novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), desencadearam-se importantes mudanças no modo de vida atual. Para o homem contemporâneo, as TICs passaram a ser importantes ferramentas nas fabricações e utilização de bens e serviços. Cada vez mais, o ser humano interage com as TICs, chegando muitas vezes ao ponto em que essa interação passa despercebida quanto a alguns aspectos fundamentais, ou seja, os determinantes e mecanismos que modificam o próprio cenário tecnológico.

Para as ciências objetivas, parece ser particularmente difícil compreender ou conceber os mecanismos de subjetivação que determinam as TICs. Tais ciências anulam, em certa medida, o aspecto subjetivo ou da compreensão da expressão humana em sua totalidade.

Seguindo este recorte, pode-se dizer que o movimento de convergência tecnológica se instalou de maneira substancial, chegando ao ponto de o ser humano quase não conseguir fazer um isolamento cognitivo das causas e efeitos presentes dentro de um cenário tecnológico. Essa zona gris da interação homem/máquina traz dois aspectos importantes: 1) a negação do elemento humano, e 2) (i.e., a supervalorização do elemento mecânico).

A investigação da consciência e das determinações potenciais que antecedem as escolhas e realizações objetivas em geral remete à questão da virtualidade do sentido. Com isto não nos referimos à forma que infunde a matéria de um objeto artificial, mas, antes, ao sentido particular de “virtual” proposto por Pierre Lévy em *O que é o virtual?*. Como esperamos mostrar, o conceito de ‘virtual’ de Lévy pode auxiliar-nos a esclarecer o que há de problemático na anulação das determinações subjetivas por parte de certa imagem das TICs, como antecipamos acima.

Virtual não significa a ausência de algo. Trata-se, pelo contrário, de um modo de ser. Ou seja, o virtual põe em jogo os processos de criação em geral (e portanto também os processos de criação tecnológica). O virtual consiste na articulação daquelas tendências (movimentos não-mecânicos) que acompanham uma situação qualquer, e que conduzem o processo à sua resolução, ou seja, ao seu produto final. O virtual, portanto, faculta o acesso ao que poderíamos chamar de critérios de verdade, presentes em toda realização humana – aí se incluindo as realizações tecnológicas.

Uma boa maneira de começarmos a nos aproximar da noção de que o virtual, no sentido de Lévy, articula critérios de verdade (e não de pura ausência) é esclarecermos a estruturação desses critérios de verdade. Uma analogia permitir-nos-á realizar esse esclarecimento: aquela entre o virtual (Lévy) e a noção de fantasia tal como Freud a introduziu na psicanálise.

Freud partia da premissa de que a noção de verdade havia deixado de recobrir a verdade factual. Ainda que algo não seja verdadeiro segundo os critérios objetivos da ciência, isso não significa que não gere “efeitos de verdade”, do ponto de vista da psicanálise. Para explicar essa idéia, Freud introduz a noção de fantasia. Tal como no caso do virtual, a noção de fantasia abre um espaço intermediário entre a determinação e a realização, no qual os critérios de verdade não se prendem à objetividade dos fatos, mas, antes, à objetividade abstrata duma potencialidade (mais ou menos como uma forma, e não a matéria, determina um objeto como tal). A Fantasia freudiana consiste numa estrutura prévia que antecede e determina as expressões e feitos do agente.

Também as TICs são atualizações que derivam de um processo que as antecede. Que processo é esse? Trata-se do processo ainda pouco estruturado (mas virtualmente estruturável) de criação através de uma ordem subjetiva, que Lévy chama de *virtual*. O virtual, assim, participa de uma operação formal na qual, de maneira contraintuitiva, podemos identificar critérios de articulação do verdadeiro. Tal é um seu aspecto que pode ser melhor compreendido através da aproximação, já referida, entre o *virtual* (Lévy) e a *fantasia* freudiana. Vejamos isto melhor.

1.1 Metodologia

O presente artigo será composto através de uma pesquisa bibliográfica haja vista que será elaborado a partir de materiais já existentes (Gil, 1991).

2 MOVIMENTO TECNOLÓGICO E VIRTUALIDADE

Quando se fala em tecnologia (e sobretudo em *tecnologias*), o mais das vezes se quer referir processos mecânicos no tempo e no espaço. No entanto, às tecnologias também vinculam aspectos subjetivos e sociais, e não apenas aspectos físicos. A abrangência do termo inclui o conjunto de conhecimentos disponíveis ao ser humano e também os fenômenos sociais e físicos, bem como a aplicação destes na produção de bens e serviços. Os aspectos que transcendem o físico são justamente aqueles em que se concentra o movimento tecnológico.

Segundo a Incubadora da FAPESP (2008), as TICs podem ser definidas como um conjunto de recursos tecnológicos integrados entre si que proporcionam, através das funções de *hardware*, *software* e telecomunicações, a automação e comunicação dos processos de negócios, da pesquisa científica e de ensino e aprendizagem, ampliando os horizontes entre o real e o virtual (aqui, no sentido literal), expandido assim a sua potencialidade e o seu uso.

Nessa expansão, a informação e a comunicação circulam e acontecem de maneira a diminuir drasticamente as distâncias e o tempo, mudando inclusive o comportamento social e cultural, e tornando o ser humano cada vez mais dependente das tecnologias, seja em casa, ou nos negócios, na comunidade, na educação e no entretenimento.

Segundo FIALHO (2006), a dependência humana das TICs traduz-se num movimento cultural em que os principais benefícios trazidos são: capacidade de melhorar a qualidade das informações disponibilizadas e capacidade de melhorar conhecimentos para as empresas, para seus clientes e fornecedores. Tantos benefícios rapidamente levaram à convergência tecnológica.

No mundo contemporâneo, é possível perceber um movimento maciço de convergência tecnológica. A tecnologia da informação e comunicação vem se multiplicando em progressão geométrica, ao ponto de gerar e fortalecer um sentimento de potência total de massa dissociado de questionamentos acerca desse tema e de seus desdobramentos.

Segundo Franklin et al. (2006), neste momento tecnológico, está-se iniciando a construção de um ambiente computacional pervasivo no qual a computação é ubíqua e, por outro lado, invisível ao usuário final. Esses elementos computacionais embutidos no ambiente almejam adquirir alto grau de interação, a fim de atenderem às preferências e atividades de cada usuário. O que nos interessa ressaltar aqui é uma dimensão problemática desse movimento, a saber: o fato de a invisibilidade das tecnologias atuais contribuir para a invisibilidade das suas causas. O problema que assim se abre não é tão somente de ordem cognitiva, mas, antes, de ordem crítica: a racionalidade tecnológica aplicada de maneira automática é cega às finalidades e determinações humanas.

Outra maneira de dizer isto é dizer que o movimento tecnológico referido pode levar a uma negação do sujeito. Descoladas da carne e apoiadas no sujeito abstrato e intemporal da ciência, as máquinas operam conforme uma racionalidade puramente mecânica, ou seja, autorreprodutiva. Diferentemente do que ocorria no passado, quando a máquina tinha um estatuto singular – pois sua reprodução não era meramente técnica – agora a máquina foi praticamente toda virtualizada. Sub-repticiamente, a virtualização da carne sugere uma fantasia delirante que não deixa de ter uma dimensão política: a fantasia de puro controle. O ser humano passa a acreditar num cenário que ironicamente lembra as pastorais utópicas da tradição milenarista: um espaço de trocas perfeitamente calculáveis e manipuláveis, com o qual as máquinas acenam com um futuro regido por uma racionalidade fora da história e desprovida de subjetividade. Em suma: as TICs acenam com uma racionalidade monológica, desprovida de “comunicação”.

A razão para esse paradoxo é que a comunicação humana se caracteriza por interações com os objetos em seu ambiente. Sendo assim, os sistemas de comunicação não são construídos com base apenas em tecnologias específicas. Embora o resultado final seja uma tecnologia, um sistema de comunicação é construído com base na análise do espaço de comunicação individual. Somente desta maneira, nasce um sistema de comunicação que se adapta às demandas específicas de cada indivíduo, mostrando assim a presença de uma autoridade anterior ao ato.

Segundo Franklin et al. (2007), a máquina é uma cadeia discursiva que pede a existência de uma autoridade sobre a verdade da operação da reprodutibilidade das máquinas. Essa verdade leva à virtualização e anula o inconveniente das formas e do corpo. A máquina, neste movimento, está para além de uma escritura, no sentido de transferência para a realidade, tal como nos sonhos – nos quais Freud pretendia identificar sempre a realização de um desejo. Com isso ele quer dizer que a tecnologia aplica uma semantização do mundo e esconde a interioridade desta estrutura na realidade. Isso sugere o conceito de virtualidade.

No seu livro *O que é o virtual*, Pierre Lévy (1996) dedica-se a esclarecer a virtualidade, propondo inicialmente uma reflexão sobre a amplitude da virtualização. Neste livro, Lévy comenta que a virtualização vai além da informatização, e que esse movimento afeta tanto a comunicação e informação quanto os próprios corpos.

“Virtual” é o termo que se usa comumente para representar ausência, assim como “real” indica presença, ou seja, uma materialidade. No entanto, Lévy chama a atenção para essa oposição - a do real versus virtual - alertando sobre o olhar ingênuo dirigido a esses aparentes contrários. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual opõe-se ao atual e não ao real.

A dialética do virtual e do atual relaciona-se linearmente com a interação entre os humanos e os sistemas de informação. O real aproxima-se do possível; em contrapartida, o atual nada tem a ver com o virtual, senão sob a forma de resposta a ele mesmo. Uma vez estabelecida a diferença entre real e atual, pode-se avançar um pouco mais na investigação da virtualização.

Lévy define a virtualização como o movimento contrário à atualização. Esta última consiste na transição do atual ao virtual. Isso de modo algum se parece com uma, digamos, desrealização, mas com uma mudança de identidade, no descobrimento de uma questão mais geral, com a qual uma entidade se relaciona. Assim, a mudança de identidade evolui no sentido de uma pergunta que redefine a atualidade de partida como resposta a uma questão subjetiva. Nesse sentido, a virtualização modifica um estado, em princípio estático, para dar espaço a uma questão. Esse espaço reflete uma questão ontológica, na medida em que a virtualização passa da solução dada a outro problema – o do ser. Portanto, a virtualização não é somente uma passagem a um conjunto de possíveis, mas é um dos principais vetores para a criação da realidade.

Lévy (1996) comenta que a virtualização trabalha a favor do desprendimento do aqui e agora. Muitas vezes o virtual não está “presente”, na medida em que seus elementos são nômades. Apesar disso, Lévy comenta sobre os efeitos do virtual, como no exemplo da conversação telefônica. Escreve ele: “nem por isso o virtual é imaginário. Ele produz efeitos. Embora não se saiba onde, a conversação telefônica tem “lugar” ”(LÉVY 1996, p.21).

Com isso, Lévy procura mostrar que o virtual não ocupa um lugar neutro, etéreo, ou incapaz de tocar algo. Ele aponta justamente para um lugar fértil, capaz de produzir efeitos no imaginário e na vida dos seres humanos. No caso da conversação telefônica, ela tem um lugar no imaginário, mas que não é puramente imaginativo. A conversação telefônica possui um lugar na qual já está muito bem acomodada; ao contrário do que se pensava na época do surgimento do telefone – pensava-se que ele substituiria os encontros físicos, pessoais. A pessoalidade, ou subjetividade é um ponto evocado constantemente.

Assim que a subjetividade, a significação e a pertinência entram em jogo, não se pode mais considerar uma única extensão ou uma cronologia uniforme, mas uma quantidade de tipos de espacialidade e de duração. Cada forma de vida inventa seu mundo... e, com esse mundo, um espaço e um tempo específicos. O universo cultural, próprio aos humanos, estende ainda mais essa variabilidade dos espaços e da temporalidade. (LEVY, pg.22)

A partir da evocação da subjetividade que está presente na virtualidade, pode-se pensar na dinamicidade e transformações que isso acarreta. Isso pode parecer, em princípio, estar destituído de sentido. No entanto, o virtual assume uma significação *a posteriori*. Quando algo aí está, mas que não possui aparente significado, assume-o posteriormente para alguém.

O virtual só eclode com a entrada da subjetividade humana no circuito, quando num mesmo movimento surge a indeterminação do sentido e a propensão do texto a significar, tensão que uma atualização, ou seja, uma interpretação resolverá na leitura. (LÉVY, pg. 40)

Com isso Levy dá ênfase à interpretação; mais especificamente, ressalta uma verdade que pode ser construída posteriormente a uma atualização. Essa verdade não tem substância definida, mas claramente aproxima um acontecimento de uma probabilidade. Tal nos remete ao que ele chama de metafísica da substância.

Sobre a metafísica da substância, ele diz que não é provável nem improvável. Um acontecimento pode estar apenas ligado a uma probabilidade, e, por isso, informar algo. Os humanos sentem (intuitivamente) que uma informação se liga a uma probabilidade subjetiva de ocorrência. Quando essa ocorrência é totalmente previsível, ela não é informativa – ao contrário de um acontecimento surpreendente, que por isso traz uma nova informação.

Outro aspecto acerca da virtualização é a busca humana pela evitação. A virtualização é uma luta contra a fragilidade, contra a dor. Os seres humanos perseguem o virtual porque almejam segurança e controle. Isso é possível na medida em que o virtual leva a regiões ontológicas impérvias aos perigos ordinários. Em outras palavras, configura uma dinâmica de presença e liberação de energias afetivas que fazem com que o caos seja superado, ainda que essa superação seja ilusória. É uma ilusão, porque devido à grande possibilidade de trocas presentes nas tecnologias há, ao mesmo tempo, um aumento da instabilidade social.

O movimento de convergência tecnológica geralmente assume uma dinâmica que destitui a subjetividade do ato. Muitas vezes, as máquinas são entendidas em si mesmas destacadas do poder da carne. A ciência procura fazer surgir verdadeiros objetos, passíveis de reprodução, e procura estudá-los por eles próprios, destituídos de sentido singular e, por isso, levando-os à repetição em nome da repetição. Expressa-se então um desejo de controle viabilizado pelas máquinas, na medida em que “não há” uma ordem subjetiva (que de certa forma é caótica) da qual o homem precisará dar conta. Contudo, essa compreensão exclui a possibilidade do ser humano saber sobre si, assim como lhe retira a possibilidade que passa a priori pela virtualidade do ato.

Por virtualidade deve-se então entender uma constituição subjetiva que inventa velocidades novas e espaços mutantes. Essa força caminha para a atualização que não

estava necessariamente pré-definida, mas que constitui uma dinâmica de significação posterior. Assim, a atualização inventa uma solução para um problema colocado pelo virtual.

A atualização resolve o problema do virtual na medida em que traz uma solução para o “caos” que é da essência do virtual. Este caos é iminente porque está na própria dinâmica do virtual. É somente na interpretação, organização e solução subjetiva do virtual que se poderão criar soluções.

As propriedades da virtualidade compartilham o dinamismo, a abertura de questões e a condução à atualização e à realização que podem traduzir-se por tecnologias da informação. Estes aspectos, sobretudo o da atualização, se parecem muito com a interpretação enquanto técnica psicanalítica.

Um dos objetivos da psicanálise é justamente o de interpretar a verdade do desejo do sujeito que se estrutura com os aspectos reprimidos e norteia-se pela fantasia – a qual mantém íntima relação com o reprimido. Para indicar a direção desta ligação, basta que mencionemos a seguir a noção de verdade presente na fantasia.

3 A ESTRUTURA DE VERDADE NA FANTASIA

Ao longo de sua vida, Freud foi aprimorando e aperfeiçoando o seu modelo teórico, na tentativa de mimetizar, no interior da psicanálise, a operação dos critérios de verdade da ciência. O ponto de partida da teoria de Freud foi o da histeria, a partir do qual pôde construir as grandes linhas gerais do modelo do funcionamento psíquico. Dentre os variados conceitos elaborados por ele, destacaremos aqui, sua busca pela verdade. Freud elaborou duas teorias sobre a verdade: a teoria da sedução (inicialmente) e a teoria da fantasia.

A primeira teoria de Freud na busca pela verdade foi de tornar consciente o inconsciente pelo levantamento da repressão. Ele acreditava que havia acontecido algo traumático e que isso era a verdade do sujeito, e esta era a geradora do sintoma. Em seu artigo sobre a teoria dos ataques histéricos Freud vai dizer que o elemento essencial de um ataque histérico recorrente é o retorno de uma lembrança experimentada anteriormente. Nesta fase, Freud diz que a lembrança formadora do conteúdo de um sintoma é o *trauma* psíquico recalcado, ou reprimido.

Ainda com foco na histeria, Freud pensava que havia uma marca de uma alteridade que não se representava, estando por sua vez convertida no corpo, de um ataque do outro. Como conseqüência de seu pensamento, Freud passa a se preocupar com esse outro invasor. Portanto, nesta fase Freud elaborou a teoria da sedução na qual pensava a histeria como resultando de uma experiência sexual passiva e traumática.

A segunda teoria de Freud sobre a verdade é de que esta, em si, não existe, de que a Verdade (agora como conceito) era a verdade de cada sujeito, ou seja, a construção imaginária ou, em outras palavras, uma *fantasia* (fantasia de sedução). Portanto, Freud abandonará sua “teoria da sedução” e, a partir desse momento, colocará no centro de sua teoria a noção de *fantasia*.

Em seu artigo *Os caminhos da formação de sintomas*, Freud vai dizer que na fantasia o sujeito perpetua uma sensação de liberdade à qual teve que renunciar em função da realidade. É desta forma na fantasia que, independentemente da racionalidade do sujeito, ele permanece em busca do prazer. A partir do choque entre o mundo pulsional do sujeito e do mundo externo, diferenciado de seu próprio corpo, nasce a

fantasia como a construção do inconsciente. Portanto, mesmo sem apoio em cenas reais, a fantasia apresentava-se como lembranças.

Com maior frequência, estas fantasias são inicialmente conscientes e são reprimidas ou “esquecidas” deliberadamente, tornando-se inconscientes. O conteúdo destas fantasias pode permanecer o mesmo, ou sofrer alteração de maneira que as fantasias inconscientes atuais derivam das conscientes.

A fantasia obedece a uma lógica que não é determinada pela racionalidade. Ela expressa a realização de um desejo, de um desejo inconsciente. Dando ao sujeito uma satisfação, independentemente da realidade. Também é verdade que ela determina a realidade.

No exemplo da análise que Freud faz da fantasia, pode-se perceber que, a subsistir alguma noção de verdade para a psicanálise freudiana, esta tem íntima relação com a fantasia. E é este, como já se disse, o seu elemento criterial que gostaríamos de acentuar, para relacioná-lo com a noção de virtual em Pierre Lévy. Vejamos então de que maneira podemos identificar uma estrutura de verdade também na noção de virtualidade tal como a utiliza esse autor, à luz do que se mencionou acima sobre a natureza da verdade em psicanálise.

4 A ESTRUTURA DE VERDADE NO VIRTUAL E NA FANTASIA

Também na dimensão “virtual” da experiência contemporânea, tal como Lévy a entende, a aplicação de alguma noção de verdade implica o seu entendimento como a verdade da fantasia. Em que sentido devemos falar de verdade *da fantasia* na experiência do virtual? Julgamos que os traços essenciais dessa natureza de verdade da virtualidade se tornam mais claros quando aproximados da estrutura da fantasia tal como é trabalhada em psicanálise – em particular a sua natureza retrospectiva e, em última análise, não causal. Vejamos isto mais detidamente.

Já tratamos aqui da atualidade como aquela que difere radicalmente da virtualidade. O atual aproxima-se do virtual, apenas como resposta a este. Em termos estritos, o virtual se opõe ao atual e não ao real. Pode-se inferir que o virtual é o começo, o potencial criador para a realização. Esta pode estar simbolizada nas Tecnologias da Informação e Comunicação.

O virtual demonstra uma mudança de identidade, assumindo diversas possibilidades, porém nunca possibilidades aleatórias, mas que refletem uma subjetividade. Essas mudanças assumidas pelo virtual caminham no sentido do descobrimento de uma questão mais geral, com a qual uma entidade se relaciona. Um sujeito, ao virtualizar, tem implícita uma tentativa de descobrimento de algo subjetivo que, talvez, num momento seguinte, possa ser realizado.

Tal como na psicanálise onde o dispositivo analítico se dá mediante uma pergunta, ou seja, uma pergunta sobre o desejo do sujeito, o virtual também evolui para isso. O virtual evolui para uma “pergunta” que dará outra definição para a atualidade que se apresenta como resposta a uma questão subjetiva. A virtualidade abre o campo de possibilidades de identificações subjetivas – tal como, desde os primórdios da sua clínica, Freud tentava fazer com os seus pacientes. Estes chegavam com questões relativas, justamente, à discrepância entre o seu Ideal do Eu e as suas aspirações atuais, mas não explícitas – justamente, *virtuais* no sentido que Pierre Lévy demonstra.

O virtual traz um inacabado, ou uma questão que ainda não está resolvida. Essa questão é de cunho ontológico na medida em que a virtualização passa da solução dada,

a questão do ser. Na virtualização há um movimento de “análise” retrospectivo no qual está presente a busca por uma verdade a partir de um elemento que sugere, mas que não se mostra por completo. A virtualização não é uma passagem a um conjunto de possíveis, mas é uma direção que cria uma realidade.

Devido ao dinamismo do virtual e sua “falta de identidade”, pode parecer que o *virtual* está destituído de sentido. Parece ser assim porque o virtual assume uma significação *a posteriori*. No entanto, dizer isto não é verdadeiro. O virtual carrega um sentido, mas esse sentido existe em força porque ainda não é estruturado. Neste caso, existe um lugar sem um aparente significado, e esse lugar pode criar, posteriormente, uma identidade, a partir de uma leitura de base analítica e constitucional configurando um ato.

Para a psicanálise, o ato é sempre uma incógnita que pode ser desvelada *a posteriori*. Na clínica psicanalítica, em princípio, nos deparamos com o “desconhecimento” subjetivo. Os sintomas têm causas que não são pré-determinadas, ou não estão dadas *a priori*. Esses sintomas podem mostrar variadas determinações e essas, podem encontrar novas direções provocando mudanças na vida do sujeito.

Outro ponto a ser tratado é o da noção de mudança trazida pela psicanálise e também pelo virtual. A indeterminação, as possibilidades e mudanças tratadas no virtual, remetem à íntima relação do virtual coma interpretação de uma verdade, no sentido psicanalítico. Esta, também é uma verdade construída posteriormente a uma atualização. Essa verdade não tem substância definida, mas claramente, aproxima um acontecimento de uma probabilidade.

Sob o aspecto da interpretação, Lévy ressalta um traço da experiência do virtual que é contra-intuitivo, que vai contra o senso comum que temos acerca do virtual: ele é menos uma potencialidade voltada para o futuro e mais uma estruturação que confere sentido à experiência atual – tal como o sentido retrospectivo da interpretação psicanalítica.

Temos ainda, outro traço da experiência do virtual que se opõe ao senso comum: a de que o virtual não introduz uma dimensão de ilusão ou mentira – talvez até muito pelo contrário na medida em que produza um saber.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação ao que foi trabalhado anteriormente, cabem as seguintes considerações:

No modo de pensar contemporâneo, especificamente no olhar para as Tecnologias da Informação e Comunicação, há um privilégio dos aspectos físicos e funcionais de uma tecnologia em detrimento dos aspectos de base que são pré-causais, ou seja, a estrutura de verdade que antecede um ato.

A olhar puramente prático para os atos mostra-se limitado, na medida em que contribui e perpetua a fantasia do homem robótico, aquele desprovido de desejo, sentimento e capaz do controle absoluto – cujas origens modernas podemos identificar na imagem iluminista do homem-máquina.

O virtual é uma força, uma potencialidade que determina um ato. Ele produz efeitos no imaginário e na vida mesma de um sujeito. O virtual é uma identidade em movimento, em busca de uma questão geral, com a qual uma entidade se relaciona. O virtual tem uma natureza retrospectiva, aparecendo somente após a tensão (pedido de significação) causada pelo atual.

O atual é tudo aquilo que se atualiza compondo um ato. Neste sentido, o atual se contrapõe ao virtual porque o virtual é o que está em força ou potência que se atualiza em um ato e isso é efetivo.

É preciso refletir sobre a dimensão de desejo trazida pela fantasia, a qual também determina não somente os atos da vida humana, mas também a própria tecnologia.

Para Lévy e Freud, há uma dimensão de verdade que se estrutura previamente aos atos. Ambos autores chegam a tal dimensão através de tematizações específicas (virtualidade e fantasia), denunciando uma questão mais geral - a questão do que é o ser.

Entre o virtual e a fantasia, há uma aproximação quanto ao aparecimento do verdadeiro. A estrutura da dimensão de verdade aparece tanto no virtual quanto na fantasia. No virtual, a verdade aparece como uma questão intimamente ligada, ainda que pelo seu contrário, à atualização. Na fantasia, a verdade se atualiza através dos atos falhos, chistes, sintomas e modos de ser de um sujeito, bem como das suas produções. A Virtualidade e a fantasia convidam a pensar as suas propriedades como verdades latentes que, de alguma forma, pedem para aparecer sob a forma de uma inquietação que está presente nas “perguntas” implícitas destes conceitos.

Tanto para Pierre Lévy quanto para Sigmund Freud, o caminho a ser tomado para responder a esta questão do ser passa pela investigação de uma força de potência que insiste em aparecer sob a forma de atualizações compostas nos atos. Para ambos, a significação assume um caráter retrospectivo, sendo significada somente a *posteriori*.

O percurso que nos permitiu chegar até a estas afirmações esquemáticas finais partiu de uma analogia entre dois conceitos, o de virtual (Lévy) e o de Fantasia (Freud). A hipótese inicial seria a de que ambos operam conformemente a critérios de articulação de verdade. Por um lado, o virtual determina as operações da tecnologia, que por sua vez se constitui como uma atualização do virtual. Por outro lado, a fantasia (ou estrutura sintomática) determina as operações da subjetividade como ato singular, que por sua vez se constitui como atualização da fantasia. Tal é o esquema duplo cuja aproximação pretendemos empreender, por forma a fazer emergir uma dimensão crítica presente, de forma velada, nas TICs. Em termos mais específicos, tal aproximação nos permitiu jogar luz sobre um aspecto da noção de tecnologia que tende a ser negligenciado. Que aspecto é esse? O aspecto não-mecânico da tecnologia, aqui ressaltado por duas vias: 1. a articulação duma verdade na atualidade (tecnologia) e, por outro lado, 2. a ideia de que tal verdade só aparece através da sua atualização, i.e., do ato singular que a exhibe *a posteriori*.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANKLIN, B. L. ; MACIEL, C.T. ; COELHO, C. C. R. ; REMOR, C.A.M. . Neutralidade da Rede: crise da mídia e sociedade de controle. In: Terceira edição do Congresso online do Observatório para a Cibersociedade, 2006. Conhecimento aberto, sociedade livre, 2006.
<<http://www.cibersociedad.net/congres2006/gts/comunicacio.php?id=633&llengua=po>>. Acesso em: 09 Jun 2008.

FREUD, S. A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess. in: Edição Standart Brasileira vol. I

_____. Obras Psicológicas Completas. Artigos sobre Metapsicologia. in: Edição Standart Brasileira, vol.XIV

_____ Obras Psicológicas Completas. Fluctuat Nec mergitur (no brasão da cidade de Paris. in: Edição Standart Brasileira, vol.XIV

_____ Obras Psicológicas Completas. Os caminhos da formação do sintoma. in: Edição Standart Brasileira, Vol.XVI.

_____Obras Psicológicas Completas. Repressão. in: Edição Standart Brasileira, vol.XIV

_____Obras Psicológicas Completas. Traumas in: Edição Standart Brasileira, Vol. XIV.

LÉVY, P. O que é o virtual? São Paulo: Coimbra, 1996.

ROSA, L. A. G. Palavra e Verdade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1990.

FIALHO F.A.P. et al. Gestão do Conhecimento e Aprendizagem: As estratégias competitivas da Sociedade Pós-Industrial. Florianópolis: Visual Books, 2006.

FAPESC. Disponível em: http://flocus.incubadora.fapesp.br/portal/educaçãotecnologiaeducaçãotecnologiainforma_c3_a7_c3__.